

Desenvolvimento como liberdade¹

- divulgação da obra de Amartya Sen²

Vivemos uma era de abundância e prosperidade sem precedentes. O enorme progresso tecnológico a que assistimos no século XX transformou completamente a economia. Usufruímos agora de bens como o automóvel, a televisão, o computador e o telemóvel. Usamos aviões para viajar pelo mundo, e mantemo-nos em contacto pela Internet. O progresso abrangeu igualmente as formas de organização política. Predominam agora os governos democráticos e participativos, estando as questões ligadas às liberdades políticas e aos direitos humanos presentes no discurso dominante. Temos, evidentemente, cada vez mais qualidade de vida. E mais quantidade também.

Mas a pobreza persiste. Uma grande parte da população mundial continua a sofrer de fome e subnutrição e a ver as suas necessidades básicas insatisfeitas. Todos os dias há violações das liberdades políticas e dos direitos humanos em geral. De facto, o problema da miséria revelou-se mais complicado do que a viagem à lua ou a produção da bomba atómica. A abordagem económica tem-se baseado no pressuposto de que a solução é o “desenvolvimento”. Nesta matriz, o papel dos economistas é o de identificar os determinantes do desenvolvimento. E os caminhos para o desenvolvimento.

Se nos interrogarmos por um momento acerca do significado do conceito de “desenvolvimento”, podemos perceber que não é de fácil definição. Esta dificuldade tem sido ultrapassada pela aceitação do nível de produção e rendimento como indicador chave. Lamentavelmente, a utilidade desta simplificação tem levado à omissão da ideia original de desenvolvimento³. Num dos primeiros textos sobre economia, “*Ética a Nicómaco*”⁴, Aristóteles notou que “*a riqueza não é manifestamente o bem que buscamos; pois ela é meramente utilitária, em vista de outra coisa*”. A riqueza é um meio genérico de perseguirmos o tipo de vida que valorizamos. Mas, mais do que a um fim em si, o crescimento económico deve referir-se à promoção da vida que construímos e às liberdades de que usufruímos.

Amartya Sen responde a esta crítica com uma nova abordagem: a visão do desenvolvimento como liberdade. De acordo com esta perspectiva, o desenvolvimento consiste na remoção dos vários tipos de restrições que limitam as escolhas e oportunidades das pessoas, que procuram essencialmente viver bem e por muito tempo. As realizações ao alcance de cada um dependem das oportunidades económicas, das liberdades políticas, dos poderes sociais, da boa saúde, da educação básica, e dos incentivos e estímulos às suas iniciativas.

Esta sugestão de encararmos o desenvolvimento como processo de alargamento das liberdades, contrasta com outras perspectivas mais restritas, que o identificam com o crescimento da produção, com o aumento dos rendimentos, com a industrialização, com o progresso tecnológico, ou com a modernização social. Esta mudança de paradigma orienta a acção para os fins que tornam o desenvolvimento importante, em vez dos meios que desempenhem papéis de relevo. Discute-se frequentemente se uma certa liberdade política ou social, como a liberdade de voto ou a oportunidades de receber educação básica, induz o desenvolvimento. Mas de uma forma que passa ao lado da ideia central de desenvolvimento, e é aqui que reside a natureza radical desta concepção. As liberdades, além de um papel instrumental, têm um papel constitutivo do desenvolvimento.

Um exemplo é o da discussão da importância dos mercados livres. A contribuição dos mercados para o crescimento económico é amplamente reconhecida na literatura. Mas a liberdade de troca não é apenas um meio. É, como afirmou Adam Smith, uma liberdade básica⁵. Karl Marx elogiou o capitalismo por comparação com a falta de liberdade dos esquemas de trabalho pré-capitalista, caracterizando a guerra civil americana como “*o grande acontecimento da história contemporânea*”⁶. A liberdade foi considerada na avaliação da mudança económica e social por muitos outros, como Stuart Mill, que protegeu e fomentou a liberdade⁷, e Hayek, que submetia o sucesso do progresso económico a uma formulação geral das liberdades e autonomias⁸.

O estudo da importância do capital humano para o desenvolvimento comete a mesma omissão. Avalia a educação unicamente pelo aumento da capacidade produtiva. A visão do desenvolvimento como liberdade desloca o foco da análise para a capacidade das pessoas de terem a vida que com razão valorizam e de aumentarem as escolhas reais de que dispõem. A diferença crucial corresponde à distinção entre meios e fins. Sendo instrumental pela sua influência sobre a produção económica, a potencialidade humana tem também um papel constitutivo. É um bem em si, aumentando directamente o bem-estar e da liberdade das pessoas⁹.

Termos em consideração o papel constitutivo das liberdades não implica o menosprezo do seu papel instrumental. As liberdades políticas, como a livre expressão e as eleições promovem a segurança económica¹⁰. As oportunidades sociais (sob a forma de serviços de educação e de saúde) facilitam a participação económica. E a oportunidade de participar no comércio e na produção permite gerar tanto a riqueza pessoal como os recursos públicos destinados a serviços sociais. As liberdades de diferentes espécies reforçam-se mutuamente. A expansão da liberdade é, simultaneamente, o fim prioritário e o meio principal do desenvolvimento.

No século XVIII, Condorcet¹¹ previa uma redução voluntária das taxas de fertilidade. As pessoas “*saberão que, se têm um dever para com os que ainda não nasceram, tal dever não é o de lhes dar a existência, mas o de lhes dar a felicidade*”. Em oposição, o seu contemporâneo Thomas Malthus¹² defendia o controlo populacional coercivo. Considerando que só a impossibilidade de suprir as necessidades básicas levaria as famílias a controlar a natalidade, opunha-se às Leis dos Pobres e ao auxílio aos indigentes. Esta controvérsia ilustra o debate, em matéria de desenvolvimento, entre as abordagens pró e contra a liberdade.

Os apoios sociais para o alargamento das liberdades não são necessariamente uma forma de “amamentação”. Podemos vê-los como promotores da responsabilidade individual. Uma criança privada da escolaridade básica fica prejudicada para o resto da vida. Outras limitações de liberdades concretas, como a doença, a escravatura e a pobreza, privam as pessoas da capacidade de levar vidas independentes e responsáveis. Cabe-nos a criação de mais oportunidades de escolha e liberdades concretas para os indivíduos, que poderão, então, agir responsabilmente.

*“A liberdade tem para mostrar milhares de encantos
Que os escravos, ainda que contentes, nunca saberão.”¹³*

¹ Amartya Sen recebeu o Prémio Nobel da Economia em 1998 pelas suas contribuições para a economia do bem-estar.

² Amartya Sen (1999) – “Desenvolvimento e Liberdade”, Lisboa: Gradiva, 2003.

³ “*Fanaticism consists of redoubling your effort when you have forgotten your aim.*” – George Santayana.

⁴ Aristóteles (séc. IV a.c.) – “Ética a Nicómaco”, São Paulo: Nova Cultural, 1987.

⁵ Adam Smith (1776) – “Inquérito sobre a natureza e causas da riqueza das nações”, 2 vols., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981-1983.

⁶ Karl Marx (1883) – “O Capital”, 3 tomos, Lisboa: Edições Avante, 1977.

⁷ John Stuart Mill (1859) – “Sobre a Liberdade”, Europa-América, 1997.

⁸ Friedrich August Hayek (1973-79) – “Direito, Legislação e Liberdade”, Visão, 1985.

⁹ E para uma compreensão mais profunda do valor da educação devemos ainda ter em conta o seu papel no progresso social e político.

¹⁰ Amartya Sen (1981) – “Pobreza e Fomes”, Lisboa: Terramar, 1999. Mostra como a democracia constitui uma defesa fundamental contra as crises de fome, pelos incentivos que os governos têm para resolução de situações de emergência.

¹¹ Condorcet (1795) – “Esquisse d’un tableau historique des progrès de l’esprit humain”, Paris: Flammarion, 1988.

¹² Malthus (1798) – “An Essay on the Principle of Population”, Penguin, 1985.

¹³ Amartya Sen termina o seu livro com um verso de William Cowper:

*“Liberty has a thousand charms to show,
That slaves, howe’er contended, never know.”*